

O fotógrafo-assassino



Em 1996, concluída a viagem presidencial de Mário Soares a Luanda, cumprimos meio-dia em S. Tomé.

Passeava tranquilamente com o Jorge Morais, do Tal & Qual, quando vi três vendedeiras do outro lado da rua. Dá um boneco bonito, pensei. Elas adivinharam, espantaram-se todas de medo sorridente, a tele da minha Nikon lá conseguiu, a custo, registar quatro instantes da fuga ao bombardeio. Sim, que aquilo não é reacção a quem lhes aponta uma máquina de tirar fotos; sim, que aquilo é reacção a quem lhes dispara à alma e que, reza a lenda, a alma lhes rouba, a elas, às africanas, a eles, aos africanos.

Elas fogem, abandonam as bancas, mas fogem sorrindo, sabedoras que fintaram o fotógrafo-predador que lhes tentava capturar a alma.

Diz-se que é coisa de negros, atavismo, coisas mais.

Dizem-no os brancos, que fazem pior, porque estes, alguns destes não fogem, muito menos se riem.

Em Julho de 2010 estive uma hora “sequestrado” numa localidade das cercanias de Coimbra porque um branco lá da terra me barrou a saída, apenas por andar a fotografar. Teve que vir uma patrulha da GNR libertar-me das garras do homem, inquieto por ver um estranho a fotografar pelas ruas de uma aldeia onde não tinha nascido.

Na pendência do episódio, disse a quem o quis ouvir que não sabia *se eu era para aí um pedófilo, sabe-se lá se amanhã vai violar a minha mulher* e malfetorias congéneres.



Há uns anos atrás fotografava eu, com tripé, em noite de breu, no Terreiro da Erva. A luz do candeeiro embrenhava a janela velha de um encanto especial e pus-me a caminho. Vejo dois polícias arrastando um velhote, mais o álcool em que se embebera. Praticavam o bem, os cívicos, levavam o homem para casa. O boneco era excelente. Arranquei a máquina do tripé, montei o flash num flash e aí vai disto.

Um dos guardas até sorriu de esguelha para a foto. Até o mais velho lhe ter dito: *Olha que o gajo tirou-te a foto e estavas com o boné torto!*

Foi o cabo dos trabalhos, as ameaças da ordem, por aí.

Deu artigo no “Jornal de Coimbra”, “O polícia do boné torto”, e seleccionei a foto para umas das exposições do Projecto “Dias de Coimbra”.

Voltando a África, o lendário atavismo tem nuances de monta. Por exemplo, no Senegal, a rapaziada garbosa e imponente, quando detecta um turista incauto rapinando-lhes a alma à descarada, ordena lá do sítio onde está sentada: “Viens ici, Monsieur”.

Querem vender películas da alma mas eu nunca levo trocado nestas ocasiões.

Voltando à tal aldeia dos arredores de Coimbra, a simpática patrulha da GNR veio ter comigo uns quilómetros mais à frente. Se eu não me importava de lhes mostrar as fotos que tinha tirado, *se tiverem pessoas tem que apagar.*

E é aqui que bate o ponto. Poucos conhecem os detalhes do direito à imagem, mas ouviram falar disso num noticiário e em três telenovelas; como o direito à saúde é mais difícil de arguir e como o português é muito cioso dos seus direitos, agarram-se ao direito à imagem para mostrarem que sabem defender o seu direito. É no singular, mas é melhor que nada.

Juristas e jornalistas não se entendem lá muito bem nisto do direito à imagem. É preciso autorização prévia das pessoas para que as fotografemos? Parece que sim. Na próxima procissão da Rainha Santa levo megafone para me ajudar a berrar às centenas de penitentes:



Há por aí alguém que não queira ser fotografado?
Ou talvez seja ao contrário, obrigado a obter autorizações escritas dos fotografados. Com família pequena e alguns vivendo longe não vai ser fácil. E os que não sabem assinar? A impressão digital vale para estes casos?

Sem se darem conta, os arautos do direito às imagens do quotidiano querem banir as pessoas da fotografia. Para a história em imagens ficarão as ervas, os gatos ranhosos e os cães rafeiros, que os gatos garbosos e os cães altivos por certo terão dono que zelará rotveilermente pelo direito à imagem dos seus bichanos.



Pelo YouTube anda praga idêntica, aqui em relação à música, aos direitos de autor da dita. Também eles querem banir a música do quotidiano.

Se postarmos um vídeo de uma barraca de farturas com umas cornetas debitando o último êxito de Robbie Williams ou de Nel Monteiro, recebemos na volta do e-mail um aviso do género “seu vídeo pode ter conteúdo que é de propriedade ou licenciado por Sony Music Entertainment. Você não precisa fazer nada. No entanto, se desejar saber como seu vídeo será afetado, consulte a seção Correspondências de ID do conteúdo da sua conta para obter mais informações. Sincerely, Equipe do YouTube”.



Ora eu não sei pintar e pouco jeito tenho para brincar. A agravar a coisa, não sei música e disseram-me que tocar ferrinhos numa filarmónica não era lá muito aliciante. Também não tenho jeito para o teatro e quanto ao cinema aquilo lá por Hollywood é uma selva danada e já não estou com idade para aturar os caprichos dos produtores.



Resta-me a fotografia, tentar pintar com luz, de vez em quando.

E não gosto de ver uma das minhas paixões encarada como predadora, violadora do direito à imagem até dos que lavam a cara, a custo, uma vez por semana.

Gostava de ver os que têm como hobby a leitura nos bancos dos jardins serem importunados de igual forma: Ó pá, já viste ali aquele gajo a ler? Tu conhecezo? Eu nunca o vi mais gordo. Tem cara de pedófilo, o sacana do gajo. Amanhã ainda é capaz de violar a minha mulher...



Contas feitas: se não for morto numa dessas sanguinolentas refregas fotográficas, prometo-vos que morrerei fotografando à Lucky Luke – disparando primeiro e nem perguntando nada depois.

Entrementes, a ver se volto a S. Tomé, para devolver em papel a alma às três vendeiras assustadas. Porque o susto delas fá-las rir e a diferença está toda aí.

Dinis Manuel Alves, 28 de Agosto de 2010

